

**PÚBLICO E PRIVADO:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE  
O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA,  
À LUZ DA OBRA *ESCOLA E DEMOCRACIA*  
DE DEMERVAL SAVIANI**

**JOILSON MÉLO LEITE**

**BRUNO CESAR CARDOSO GONZAGA**

**ENIO FREIRE DE PAULA**

## 1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi totalmente atípico para a Educação. Essa mudança tão repentina e urgente, foi condição jamais imaginada e aconteceu devido a pandemia causada pelo vírus da Covid19.

Para Moreira *et al.* (2020) a suspensão das atividades letivas presenciais, que aconteceu no mundo todo, gerou como obrigação aos professores e estudantes, migrar para plataformas digitais. Dessa forma, metodologias e práticas pedagógicas foram transpostas para os ambientes denominados ensino remoto emergencial.

O objetivo desse relato é descrever as experiências vivenciadas, enquanto professores, com atuação nas redes pública e privada de Educação de São Paulo, à luz da obra “Escola e Democracia”, do Demerval Saviani, na qual tivemos contato durante as aulas de Teoria de Ensino e Aprendizagem (TECT1) no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (ENCiMA) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *campus* São Paulo (IFSP/SPO).

Na obra “Escola e Democracia”, Saviani (2012) faz uma análise na perspectiva histórico-crítica, das teorias da educação, categorizando-as em não-críticas e críticas-reprodutivistas. Deste modo, de que maneira o Governo do Estado de São Paulo se posiciona no contexto de ensino remoto diante das teorias educacionais apresentadas no livro?

É importante ilustrar num contexto inicial as normativas do Governo para a educação paulista no contexto de ensino remoto. A Resolução 28/2020 da Secretaria da Educação do estado de São Paulo (SEDUC-SP), homologou as atividades realizadas por meio do ensino remoto, aos estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio, durante o período de suspensão das aulas.

Logo após a emissão desta normativa, em abril do mesmo ano, o Governo realizou o lançamento do Centro de Mídias da Educação de São Paulo (CMSP) como uma plataforma que permite acesso aos estudantes da rede, à aulas gratuitas em tempo real, videoaulas e materiais pedagógicos durante o momento de isolamento social juntamente à um contrato celebrado com a TV Cultura, para transmissão dessas mesmas aulas na rede aberta de TV. Ter disponibilizado uma plataforma e o e firmado contrato com uma emissora garantiu a democratização do acesso à educação para todos?

As informações acima, são fundamentais para ilustrar o ensino remoto no ano de 2020, descrevendo as experiências tidas por meio de

duas escolas, sendo uma escola privada sob jurisdição Diretoria de Ensino Norte-2 e a outra pública sob jurisdição da Diretoria de Ensino Centro Oeste, das quais designaremos nesta leitura os nomes escola nortes (EN) e escola oeste (EO).

Para responder tais questões, organizamos esse relato em uma perspectiva histórico-crítica, trazida pelo próprio Saviani (2012), trazendo esta breve contextualização das intencionalidades, a descrição das experiências quanto professores e as considerações finais.

## 2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Leitura do livro se deu em meio a disciplina obrigatória (TEOT1) do programa ENCiMA IFSP/SPO. Tal leitura, contemplada no curso, se deu com reflexões críticas ao longo das aulas. O livro, mais do que evidenciar desigualdades do sistema educacional, promove reflexão sobre a causa e efeito e propõe uma pedagogia para superação dessas mazelas.

Quanto as escolas, a EO, fica situada no Jardim Jabaquara, bairro de classe média baixa, região urbana de São Paulo, pertence a rede estadual, tem como sua clientela moradores das comunidades do entorno, atendendo aos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental.

Já a EN, fica situada no Jardim Japão, bairro de classe média-alta, região urbana de SP, atendendo desde a Educação Infantil ao Ensino Médio.

O acesso à plataforma educacional desenvolvida pelo governo do estado de São Paulo só poderia se dar por *tablets*, *smartphones* com sistemas em versão compatível ou por meio das aulas transmitidas na TV aberta. Assim, na escola Oeste, os alunos, muitas vezes em situação de vulnerabilidade, não possuíam tais aparatos em casa, tampouco acesso à internet. No caso dos *smartphones*, em grande parte dos casos, o sistema do aparelho era incompatível para instalação do CMSP e para as plataformas educacionais. Às vezes, o celular do responsável era o único que a família detinha. Sobre o uso da TV, também surgiram dificuldades: (i) muitas vezes, o sinal/frequência era precário ou (ii) por haver um único televisor compartilhado com a família, o acesso em tempo real, não era garantido.

A solução encontrada na EO foi criar grupos via o aplicativo *WhatsApp*. O estudante ou o responsável era adicionado e orientado sobre tudo que a escola ofertava, mas, houve resistência de alguns professores em fornecer seu número pessoal. Frente a isso, a escola criou uma conta na rede

social *Facebook* para postar atividades. Contudo, o acesso à rede é limitado às pessoas com mais de 13 anos e, ainda assim, muitos estudantes não tinham rede social e/ou os pais não permitiam o uso. A escola para contornar isso resolveu utilizar a plataforma Edmodo, que também não foi muito eficaz.

Logo, a escola não conseguia unificar as atividades em uma única plataforma. Enquanto os professores pulverizavam atividades em plataformas diferentes, alguns não possuíam formação adequada para uso de tecnologias.

A EN inicialmente firmou contrato com uma grande plataforma, seguindo a tendência de outras redes de educação que fazem parte do mesmo segmento. Lá havia disponíveis livros em formato digital, espaço para construção de materiais, envio de avaliação e emissão de relatórios de desempenho. Os trabalhos iniciaram-se com aulas gravadas pela equipe de professores do colégio e interação dos estudantes via mensagem. Eram os próprios professores das turmas que gravavam, possibilitando o que Saviani (2012) descreve como prática social e diminuindo o impacto do distanciamento e perdas de vínculos entre estudantes e escola. Assim, como nas escolas públicas era necessário que os estudantes possuísem os equipamentos, mas, isso não foi um problema na EN, contudo também houveram entraves: (i) estudantes com problemas emocionais, (ii) baixa interação, (iii) estudantes que não entregavam as atividades propostas.

### 3. RESULTADOS

Observou-se que apesar dos esforços dos professores das escolas EO e EN, o ensino foi prejudicado na pandemia. Todavia, à discrepância dos problemas entre elas revela um conceito de desigualdade social que se reflete diretamente como digital e, por consequência de como se deu as políticas públicas de acesso à Educação durante a pandemia, fato que também se revelou como amplificador das desigualdades. Isso se deve justamente pelo fato da inserção da tecnologia no ensino público estadual da cidade de São Paulo se deu de forma bastante lenta nos últimos anos, ou seja, as escolas não estavam preparadas para vivenciar o momento atual. Com isso, professores e muitos estudantes não tinham conhecimentos básicos a respeito do uso de algumas ferramentas tecnológicas.

Na escola EO foi feita busca ativa por meio de ligações e cartas, mesmo assim o número dos estudantes que realizaram atividades durante o período de pandemia foi bastante insatisfatório.

Na escola EN houve recuperação ao fim de dezembro e 100% dos alunos foram promovidos, embora, sim, houvesse casos de estudantes menos ativos na participação (uma parcela mínima). Já na EO houve promoção sistemática com a promessa de recuperação em janeiro de 2021, que embora ofertada, foi precária e com pouquíssima participação.

Diante do exposto e fazendo um contraponto com a obra “Escola e Democracia”, entendemos a educação como um instrumento de des-criminalização social. Saviani (2012) vai denominar esse pensamento de “teoria crítico-reprodutivistas,” pois veem a educação manipulada por meio da estrutura socioeconômica, com a sociedade dividida por classes distintas se relacionando de forma forçada. Então, nessa perspectiva, a educação é um fator de marginalização.

Isso fica evidente quando comparamos a escola pública com a privada nesse processo de pandemia, onde a escola particular consegue rapidamente se estruturar e se habituar com todo o processo digital e tecnológico.

É necessário repensarmos o modo de se fazer educação pública no Brasil, na perspectiva histórico-crítica proposta por Saviani (2012) uma possibilidade é a teoria da curvatura da vara, onde segundo o autor, quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, é necessário colocá-la na posição correta. Dessa forma, para pensar em um processo educacional em que não há igualdade nas condições de acesso, é necessário um movimento que ressignifique e promova privilégios para compensar as partes mais frágeis deste elo que são os estudantes socioeconomicamente vulneráveis.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **CMSP: O que é o centro de mídias da educação de São Paulo? Acesso em 18/07/21.** <https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/o-que-e-o-centro-de-midias/>;

MOREIRA, J.A.M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.** Dialogia, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020;

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia.** 42ª Edição. Campinas: Autores associados, 2012. (Coleção polêmicas do nosso tempo).